

Gargalo setorial gera preocupação

Ivo Ribeiro e Mauricio Capela

De São Paulo

Nos próximos dois a três anos, a indústria de aço brasileira vai trabalhar com a capacidade de produção no limite. O segmento de aços planos, usados na fabricação de automóveis, autopeças, bens eletrodomésticos e tubos, é o que ficará mais apertado. Esse cenário já preocupa, desde 2002, executivos do setor e o novo governo. Este teme que o incentivo à ampliação das exportações, como forma de engordar o superávit comercial da balança, gere entre os consumidores domésticos, a exemplo do que ocorreu no segundo semestre de 2002 e início deste ano, um movimento de reclamações de desabastecimento de produtos siderúrgicos em suas fábricas.

José Armando de Figueiredo Campos, presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) e da Cia. Siderúrgica de Tubarão (CST), afirma que a indústria nacional está rodando à beira de seu limite de capacidade. "As usinas estão aptas a fazer entre 32 milhões e 33 milhões de toneladas de material bruto", informa. No ano passado, as empresas fizeram 29,6 milhões de toneladas e a previsão para este ano é de 31 milhões.

O executivo admite que isso

pode afetar o potencial exportador do país, em um programa mais ousado de vendas ao exterior, mas não enxerga problemas de falta de aço para os clientes internos. Campos menciona que há novas fontes de suprimento entrando em operação. É o caso do laminador de bobinas a quente da CST, desde novembro, com capacidade para 2 milhões de toneladas/ano. No segundo semestre começará a operar a unidade de laminação de Veja do Sul, em Santa Catarina, apta a ofertar 800 mil toneladas de bobinas e tiras a frio e material galvanizado.

Novos projetos, a princípio voltados para exportação, começam a sair do forno. A própria CST anunciou no dia 22 que os acionistas da empresa – Arcelor, Cia. Vale do Rio Doce e Kawasaki Steel – aprovaram novo programa de expansão. A empresa planeja investir US\$ 600 milhões para ampliar a capacidade em 50%: vai de 5 milhões para 7,5 milhões de toneladas no primeiro trimestre de 2006. A Cia. Siderúrgica Nacional (CSN) ainda não recebeu o sinal verde do conselho, mas já revelou que tem estudos prontos para uma nova unidade, de 1,5 milhão a 2 milhões de toneladas de placas, em Volta Redonda (RJ). Cada projeto leva 30 meses para entrar em operação.

A Açominas, do grupo Gerdau, pode em breve anunciar uma surpresa, como a provável instalação de um segundo alto-forno, contando com parceria estimuladora da Vale do Rio Doce. No Ceará, a Vale, um grupo italiano e a siderúrgica coreana Dongkuk têm um projeto para placas de pouco mais de 1 milhão de toneladas.

Por sua vez, o complexo Usiminas-Cosipa prevê ganhos marginais em suas usinas até 2005, a partir de pequenos investimentos. De 9,4 milhões, poderá chegar à marca de 10 milhões de toneladas e se consolidando como o maior produtor nacional.

O próprio grupo Gerdau, no mercado de aços longos, tem projeto paralisado de uma usina nas imediações de São Paulo, para 1 milhão de toneladas. Sua concorrente Belgo-Mineira começou recentemente a expansão de 500 mil na unidade de Piracicaba (SP). E a Barra Mansa, do grupo Votorantim, planeja até 2006 dobrar sua atual capacidade de 400 mil toneladas.

Os planos da indústria nacional do aço, oitava maior do mundo, são chegar a 2006 com capacidade de pelo menos 36 milhões de toneladas, com investimentos da ordem de US\$ 4 bilhões no período em expansão, novas unidades de acabamento e outros. Es-

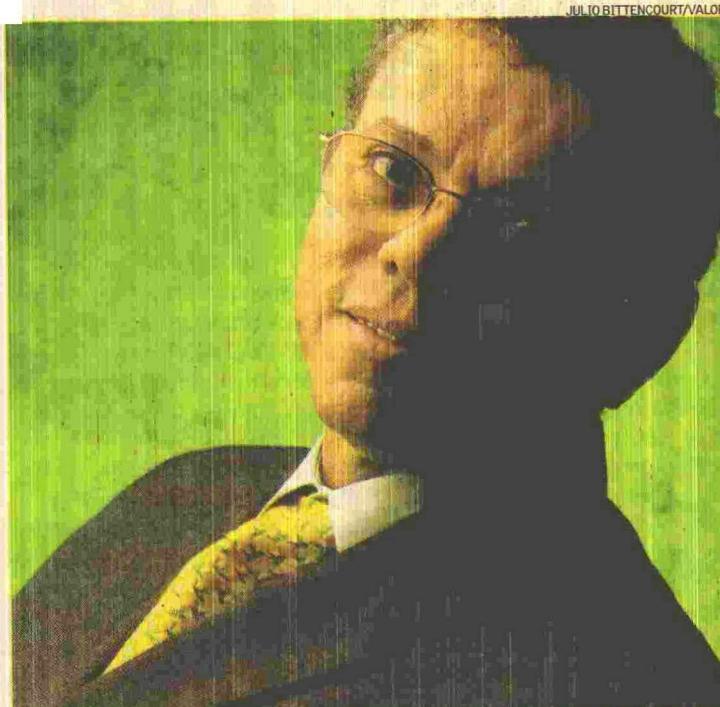
tudos feitos pelo BNDES no final de 2001 apontam que o volume pode atingir até 38 milhões.

Na indústria de celulose e papel, outro setor fortemente ancorado na exportação, a desvalorização cambial e o consequente aumento da demanda externa no ano passado mostraram que o Brasil não poderá pôr o pé no freio no negócio celulose. Precisará manter o ritmo de investimentos dos últimos anos se quiser evitar um "apagão" no setor, ou seja, perder pedidos futuros no exterior ou mesmo um surto de crescimento no mercado local.

Dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa) mostram que a indústria aplicou US\$ 13 bilhões entre 1989 e 2001. Uma média de US\$ 1,08 bilhão por ano.

Todas as grandes companhias têm planos de investimentos. Há, ainda, projetos que poderão ser desengavetados em 2003, como a Veracel, que demandaria um investimento de US\$ 1,2 bilhão.

"Chegamos perto da nossa capacidade produtiva no ano passado, com uma utilização de 96%. Em 2001, usamos cerca de 94%", diz Rogério Ziviani, diretor de negócios internacionais e logística da Suzano e da controlada Bahia Sul, pertencentes à família Feffer. Juntas, as empresas estão investindo US\$ 182 milhões.



José Armando de Figueiredo: siderurgia está à beira do limite de capacidade

Além disso, a Bahia Sul estuda construir uma nova linha de produção de 900 mil toneladas de celulose, o que demandaria US\$ 800 milhões.

Miguel Sampol Pou, diretor-geral da Klabin, conta que também planeja expandir a produção de papéis. Tanto que utilizou 92% da sua capacidade produtiva no ano passado, quando vendeu 1,2 milhão de toneladas de papéis e cartões. A empresa, que é a maior fabricante de papel e celulose do país, passa por um período de reestruturação. E, segundo o executivo, um novo plano de investimentos

só será apresentado após o fim do processo, que inclui a venda de US\$ 300 milhões em ativos e objetiva reduzir dívidas.

A Ripasa, que planeja investir US\$ 800 milhões entre 2001 e 2007, também sente a proximidade do limite da produção. No ano passado, conta Romeu Alberti Sobrinho, diretor financeiro e de relações com investidores da empresa, a companhia usou 95% da capacidade produtiva, o que significou 693 mil toneladas de celulose e dos diversos tipos de papel. Em 2001, chegou a alcançar índice de 99% ou 714 mil toneladas.